

RESENHA

TEORIA KING KONG: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE SEXO E VIOLÊNCIA

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

Juliana Aparecida dos Santos Miranda¹

Virginie Despentes é uma escritora francesa que iniciou sua carreira de escritora aos 24 anos com o romance *Baise-moi* (Me fode). Com uma escrita visceral carregada de transgressividade, Despentes utiliza sua experiência como stripper e ex-prostituta para adentrar no mundo da escrita erótica através de uma perspectiva feminista e sem pudores. No ano de 2000, Despentes roteiriza e dirige o filme homônimo ao seu primeiro livro, filme este que suscita polêmicas e críticas contra seu modo de representar a sexualidade. Em sua bibliografia estão *Les Chiennes savantes*, 1995; *Les jolies choses*, 1998, *Teen spirit*, 2002; *Trois étoiles*, 2002; *Bye Bye Blondie*, 2004; *King Kong Théorie*, 2006; *Apocalypse bébé*, 2010 e a trilogia *Vernon Subutex*, 2015.

Quando Virginie Despentes dispara sua visão sobre o objeto sexo somos forçadas a revisitar tudo que achamos que sabemos sobre a tríade que compõe tal objeto: a sexualidade, o estupro e a prostituição. O seu conhecimento de causa reflete em uma perspectiva fria e sensata acerca de tabus que se desenvolvem a partir de estigmas sociais capazes de afetar homens e mulheres. É sobre essas questões que seu livro,

¹ Mestranda em Crítica Cultural pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: julianasami@gmail.com

Teoria King Kong, disserta. Sem desculpas e sem reclamações, como afirma logo nas primeiras páginas, Despententes desenvolve ao longo de 7 pequenos capítulos uma reflexão crítica sobre a violência imposta ao corpo feminino sob a ótica da demonização social do sexo e sua consequência. Assim, por meio de um relato autobiográfico, Despententes nos surpreende com um olhar atento e diferenciado sobre questões que costumam ser silenciadas, mas que ela escancara a fim de expor os detalhes pouco, ou nada, explorados sobre esta temática, tudo isso através de um singular estilo punk rock.

No primeiro capítulo do livro, intitulado de *Vícios frenéticos*, Virginie Despententes se posiciona demarcando muito bem seu lugar de fala e a direção de sua escrita, desafiando os arranjos da feminilidade e de todas as características a ela atribuídas. A formidável beleza que se espera de uma mulher é questionada pela autora e a ausência deste atributo é vista por ela como uma rota de fuga para sua existência. Assim, a autora defende o direito de existir para além dos padrões impostos, mas de forma consciente, superando o modo como os homens, e até mesmo algumas mulheres, através da literatura, por exemplo, insistem em marginalizar essa existência. Para ela, aceitar as nuances que estão fora do padrão esperado para a feminilidade é encontrar-se com a ruptura de gênero, algo tão assustadoramente libertador. Deste modo, Despententes assume seu lugar de virilidade, aceitando-se enquanto uma mulher ambiciosa, mas não sedutora. Por outro lado, a autora compreende que este lugar não é só dela, uma vez que a noção de feminilidade limita as mulheres e as colocam mais a margem do que no centro. Ao refletir sobre as mulheres socialmente rejeitadas, Despententes leva-nos a concluir que existem muitas coisas em comum entre as putas e as admiráveis donas de casa, mas que somos constantemente levadas a negligenciar tais semelhanças.

O capítulo seguinte, *Eu te fodo ou você me fode?*, traz uma reflexão sobre o problema instaurado nos papéis de gênero, principalmente no que diz respeito a revolução sexual feminina. As conquistas alcançadas pelo movimento feminista até a década de 1970 permitiram as mulheres das décadas seguintes uma maior liberdade sobre seu próprio corpo. Neste contexto, Despentes, nascida em 1969, relata o modo como seu comportamento, bem como das jovens da época, era reflexo de uma geração que começava a refletir e questionar os papéis estabelecidos para cada gênero.

Virginie Despentes é taxativa ao dizer que a execução inevitável da maternidade, bem como o trabalho doméstico “voluntário” fazem parte do terrorismo físico e moral imposto ao sexo feminino. Neste ponto, a autora discorre sobre a infantilização do indivíduo, usando, para isso, a metáfora da maternidade para enfatizar a importante tarefa de doar-se ao outro, mas, sobretudo, o poder de decidir pelo outro. Este mecanismo age tanto sobre a mulher, quanto sobre o homem, uma vez que o homem é cooptado pelo Estado para ser a força de trabalho e consumidor, enquanto a mulher submete-se a subserviência. Ambos os corpos estão pertencendo a outrem. É neste aspecto que Despentes elucida que o homem tem tanto a perder dentro desta engrenagem mutiladora, composta pelo machismo e pelo capitalismo, quanto a mulher. Com a diferença de que a mulher, de modo geral, tem consciência da opressão que sofre, enquanto o homem é levado a acreditar em uma superioridade natural que o faz ser o dominador, sem se dar conta de que ele é apenas um instrumento do capitalismo.

O terceiro capítulo, *Impossível estuprar esta mulher cheia de vícios*, promove uma discussão ponderada e cheia de bifurcações a respeito do estupro. Para isso, Despentes retorna à 1986, quando ela e uma amiga, sem qualquer dinheiro para uma viagem de Londres à Paris, decidem fazer este trajeto por meio de carona. Depois de um dia inteiro de via-

gem chegaram na cidade de Calais, na França, onde aguardavam uma carona para seguir até Paris, quando três rapazes em um carro se dispuseram a ajudá-las. Despen-tes recorda que a primeira reação delas foi negar a oferta, no entanto, foram convencidas pelos gentis rapazes de que a ajuda seria melhor do que passar a noite expostas em um estacionamento qualquer. Subiram no carro, mas não demorou muito para se arrependerem: “no momento em que as portas se fecham, no entanto, sabemos que fizemos uma estupidez” (p.28).

O momento a seguir vem como uma flechada, as companheiras de viagem são estupradas sob a mira de uma espingarda dos três “gentis” rapazes. As reflexões que Despen-tes faz a partir deste relato apesar de soarem singular não é nada exclusivo, ao contrário, faz jus a realidade da maioria, senão todas, as vítimas de estupro. No primeiro momento, a autora conclui que estupradores não se identificam como estupradores. Os rapazes que as estupraram sentiram-se no direito que cometer tal ato, talvez pelas roupas curtas que vestiam, pelo pedido de carona de madrugada, por deduzirem que era exatamente o que elas queriam ou por qualquer outro motivo. O segundo ponto colocado por Despen-tes a respeito do modo como a sociedade lida com o estupro é o fato de que a palavra da vítima não vale nada diante da palavra do agressor. As justificativas utilizadas para invalidar a acusação são muitas e todas elas apontam para um determinado comportamento da vítima. Isto nos leva até o terceiro ponto: não se fala do estupro, nem a vítima, nem o agressor. O quarto ponto colocado por ela se resume no contrato imposto pela sociedade entre a vítima e o agressor:: ninguém fala sobre o estupro.

Em *Dormindo com o inimigo*, o quarto capítulo de seu livro, Virginie Despen-tes propõe uma reflexão sobre a prostituição e as contradições de uma sociedade hipócrita que discrimina a prostituta ao passo que libera o homem que a procura de qualquer julgamento. A discussão gira em torno da

falta de autonomia da mulher sobre seu próprio corpo, considerando a problemática de que mesmo para uma mulher adulta é negado o direito de vender aquilo que deveria ser ofertado gratuitamente. “Trocar um serviço sexual por dinheiro, mesmo em boas condições, mesmo voluntariamente, é um atentado contra a dignidade da mulher” (p. 48), afirma a autora, levando-nos a compreensão de que o que pesa na questão da prostituição não é a suposta situação degradante do trabalho ou as violências que podem ocorrer contra essas mulheres, mas sim o estigma em sua reputação, afinal, a mulher não é dado nem o direito de fazer sexo, que dirás o direito de cobrar por ele.

Ao longo deste capítulo, Despentes narra a sua trajetória enquanto prostituta, enfatizando que embora este serviço custasse a sua dignidade perante a sociedade, não havia nada de terrível nele, o que contrariava todas as histórias de prostitutas coitadas que costumam circular entre homens e mulheres respeitáveis. Despentes nos choca quando afirma que a sua experiência como prostituta ajudou-a a superar o trauma do estupro, pois levou-a a compreender que a sexualidade masculina é sempre posta como irracional, ameaçadora e criminoso e são tais argumentos que têm contribuído para que a cultura do estupro permaneça operando de maneira tão eficaz, fazendo com que os homens acreditem que seu desejo sexual deve ser priorizado mesmo diante da contestação da mulher.

O quinto capítulo intitulado de *Pornofeiticeiras* é um relato em defesa da pornografia. Em seu discurso, Despentes desconstrói os argumentos utilizados para convencer as pessoas de que a pornografia é algo extremamente nocivo para a sociedade. Nesta perspectiva, ela levanta interessantes questões que demonstram que a demonização do pornô é fundamentalmente a expressão de uma sexualidade reprimida que reflete uma sociedade que tem medo ou que não sabem lidar com os próprios desejos. A autora evidencia que aquilo

que nos provoca excitação encontra-se escondido em uma zona cinzenta pouco explorada. Isto porque sentir-se excitado é uma experiência que deve ser mantida sob controle, sendo este o motivo de manter nossos desejos em segredo.

O perigo da quebra deste sigilo se dá ao percebemos que existem dispositivos, que agem diretamente em nosso inconsciente, capazes de despertar nossos desejos mais ocultos e de fazer o corpo responder a eles de maneira involuntária. É neste aspecto que reside o interesse pela pornografia enquanto gênero cinematográfico. Ao acessar tais conteúdos as pessoas tendem a não racionalizar as sensações, ali o inconsciente age sem censuras e neste intervalo, entre a excitação e o gozo, as fantasias sexuais secretas de cada um se manifestam sem pudor.

O principal problema levantado por Despentes acerca das produções pornográficas é o fato delas serem feitas basicamente por homens e para homens. Neste contexto, as personagens construídas quase sempre representam uma sexualidade masculina: “ela quer sexo, não importa com quem, ela quer em todos os buracos do corpo e goza todas as vezes. Como um homem, se ele tivesse um corpo de mulher” (p. 85). Assim, a indústria pornô se torna um lugar de violência para com as atrizes, que por diversas vezes são expostas a situações de agressão para cumprir um determinado contrato. Não há preocupação com a dignidade da atriz pornô, nem sobre o estigma que carregará por esta profissão ao longo da vida. De acordo com a autora, não existe reconversão possível após iniciar a profissão, e a mulher que se predispõe a ser atriz pornô sabe disso. A situação da mulher dentro da indústria pornográfica não é muito diferente mesmo quando ela decide ocupar o cargo de direção ou roteiro. Para os homens “é impossível ter sido uma criatura sulfurosa e depois demonstrar invenção, inteligência e criatividade” (p. 82), e isto ela constatou durante a produção do filme, escrito e dirigido por ela, *Baise-moi*.

O sexto capítulo de seu livro recebe o nome de *King Kong Girl*, e faz referência direta a versão do filme King Kong, dirigida por Peter Jackson em 2005. Nas páginas iniciais do capítulo, *Despentes*, através de elementos contidos na narrativa do filme, explora uma série de significações pertinentes. Primeiro ela afirma que, embora a figura do King Kong seja representada como sendo masculina, não há em cena nada capaz de atribuir-lhe gênero qualquer, podendo estar o – ou a – King Kong fora da obrigatoriedade do gênero binário. Além disso, ela observa que assim como King Kong as outras criaturas que habitam a misteriosa ilha não possuem aspectos nem de machos nem de fêmeas, o que a leva a concluir ser a ilha um lugar de sexualidade polimorfa e poderosa. O poder também é atribuído à figura de King Kong, um ser indomável, indomesticável. Seguindo essa análise, o herói do filme, que aparece para livrar a protagonista dos poderes de King Kong, representa a heterossexualidade compulsória e limitadora. No entanto, este herói não quer apenas libertar a protagonista do perigo, seu interesse maior é poder controlar King Kong e assim expô-la aos moradores da cidade. Para *Despentes*, a ação do herói é uma evidente representação do desejo, não de extinguir essa sexualidade polimorfa, mas de domesticá-la, controlá-la e mantê-la na clandestinidade.

A tentativa de domesticar a sexualidade é um problema para a sociedade e a mulher assume grande parte desta responsabilidade, principalmente quando se recusa a usar seu sexo da forma que lhe foi ensinada. Em sua narração seguinte, *Despentes* discorre sobre como se sentiu quando decidiu deixar a prostituição, em seu relato ela afirma que da feminilidade lhe restou apenas alguns acessórios, mas que neste trajeto ela pôde compreender que a feminilidade pode ser reinventada a seu modo: “Ser punk significa forçosamente reinventar a feminilidade [...] Tem tudo a ver com o punk, nunca fazer o que te mandam” (p. 97). A reinvenção da feminilidade, por sua vez, não configura em domesticação do sexo, assim, *Despentes* afirma que continuou a sofrer críticas

possessas tanto pelas suas escritas sobre sexo, quanto pela sua postura de assumir ter sido vítima de estupro, para os que a julgava ela falhará na missão de reinvenção da feminilidade.

Boa sorte, meninas é o sétimo e último capítulo que compõe esta autobiografia. Despentes inicia este capítulo falando sobre a hostilidade com a qual a mulher é tratada pelo homem. Neste contexto, ela recorre a uma carta assinada pelo escritor Antonin Artaud em que ele afirmava, em tom romântico, que necessitava de uma mulher que estivesse sempre em casa e que pudesse tomar conta dele integralmente. Através disso, ela constrói um argumento sobre como, ao contrário da hostilidade com que são tratadas pelos homens, as mulheres tendem a ser amistosas e caridosas para com eles. Até mesmo quando se posicionam contra o patriarcado o fazem quase como se pedissem licença, como se tivessem a consciência da suposição de que sem a permissão masculina as mulheres desapareceriam.

O fato é que a ideia de sexo frágil se disseminou culturalmente e criou um lugar supostamente seguro, mas que na realidade mais violenta do que protege, para abrigar as mulheres. Por consequência, a sua emancipação se tornou um problema para seus dominadores que passaram a atribuir a elas qualquer declínio que, por ventura, ocorresse no cenário capitalista. Para os homens o lugar da mulher é na subserviência e a libertação feminina, os deixam irritados. Neste sentido, Despentes ressalta que há um aspecto do qual os homens não se dão conta: toda vantagem que ele busca ter sobre as mulheres o faz se afundar ainda mais nas artimanhas do capitalismo.

[Recebimento: 04 nov. 2017 — Aceito: 01 mar. 2018]